

AURORA CEARENSE.

JORNAL ILLUSTRADO, LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

ANNO I.

A AURORA CEARENSE publica-se uma vez por semana com duas paginas de gravura e seis de texto, além de supplementos contendo estampas, sempre que for possível. Assigna-se na praça da Municipalidade n. 31 á razão de 5U000 por semestre e 10U000 por anno. Para fóra da capital e da provincia as assignaturas serão reguladas á razão de 6U000 por semestre e 11U000 por anno. O pagamento é sempre adiantado. Numero avulso —200 reis.

NUMERO 15.

DOMINGO 16 DE SETEMBRO DE 1866.

AURORA CEARENSE.

Estrada de Soure.

Esta via de communicação, que une a capital da provincia áquelle povoado, sente palpitante necessidade de ser melhorada, reparando-se em varios pontos, em que se acha obstruida.

Outr'ora achava-se em condições mais favoraveis, e por isso a despesa a fazer seria menor; as ruínas, porém, ocasionadas pelas alluviões pluvias exigiram sem duvida maior cifra para esse serviço; mas não é ella tão grande que o cofre provincial não possa comporta-la.

Os reparos todos, excepto a ponte, que convem langar no rio Maranguapinho, pódem quando muito orgar em 2 contos de reis. A despesa com a ponte é sabida, porque para ahi foi vinda já uma de ferro, que teve outro destino, o que fez com que ficasse perdida a madeira, sobre a qual se devia sentar; entretanto inutil será promptificar o leito da estrada sem que ao mesmo tempo se não lance a ponte.

Nos invernos mais rigorosos, como foi o deste anno, a falta dessa ponte interceptou de todo o transito naquelle trato de estrada, em alguns dias, e durante todo o inverno aquelle caminho se fez o mais incommodo de todos quantos das villas e povoações visinhas dão entrada na capital aos generos e productos agricolas.

Sempre foi opinião nossa, que em balde se abrem estradas, uma vez que se não trate annualmente de conserval-as no mesmo pé, em que foram inauguradas; e pois, tem sido uma improvidencia a falta de consignação nas leis de orçamento para reconstruir o que no decurso de um anno foi pela acção do tempo, ou pelo uso deteriorado. Si todas as vezes que um caminho publico necessitasse de um reparo qualquer, fosse de prompto feito, não estaríamos no caso frequente de despendar o triplo, o quadruplo, e mesmo o decuplo passados douse tres annos; e as estradas offereceriam facil transito annualmente sem a despesa comparativa de quintuplicada cifra.

Não fallamos aceriamente. A estrada de Maranguape quando se ultimou custára a provincia 15 contos de reis. Depois disso tem feito a despesa de 2 a 3 contos de reis, entretanto si annualmente se reparassem as ruínas do uzo ou da força maior em cada anno não excederia a um conto de reis.

Isto posto, facil é de comprehender a vital necessidade de pôr a estrada de Soure em estado de por ella se transitar ou a pé ou a cavallo, ou por carros sem os tropeços da actualidade.

Si no tempo invernososo o rio Maranguapinho, e os

alagados nos privão de viajar por ella, hoje depois de findo o inverno, lutamos contra os seus resultados, isto é, contra os tropeços e barrancos que ficaram, e que nos molestão e apoquentão horivelmente.

Si, pois, o governo da provincia benigno acolheu as vozes da nossa imprensa, quando fallamos em favor da estrada de Mecejana, o que delle não devemos esperar em beneficio da estrada de Soure, que não dando nada de impostos para a provincia, dá mais de 80U000U000 de réis em productos agricolas, que por aquella estrada veem á capital?

Ainda não fizemos um appello a S. Exc. por bem dos interesses materiaes da provincia, que de prompto não fossemos attendidos; hoje, pois, invocamos de novo o cuidado da administração sobre a estrada de Soure, afim de que o publico a tenha tal qual deseja para commodidade do transporte de suas manufacturas e productos agricolas; o transporte dos da Imperatriz, Sobral, e outros pontos importantes. se faz por esta estrada.

JURISPRUDENCIA.

Vistos estes autos entre partes como aggravantes o capitão Thomaz Duarte de Aquino e aggravados Monteiro, Filho & Comp.^a.

Denego em parte provimento ao agravo interposto do despacho de fl. proferido pelo dr. juiz municipal, e lh'o dou em parte.

Denego quanto á pretensão do aggravante de com os seus embargos de fl. 127 e invocando os arts. 577 e 578 do reg. n. 737 de 25 de novembro de 1650, obter a suspensão completa e absoluta da execução embargada, inclusive o levantamento, pelo exequente, do producto das arrematações em deposito, ponderando elle aggravante, que os citados arts. attribuem effeitos suspensivos aos embargos das materias nelles indicadas; sendo aqui por parte deste juizo, a razão de assim decidir o disposto no art. 556 § 1.º do já citado reg. onde se faculta o levantamento do preço, quando sob fiança, como no caso presente pendem embargos ou appellação, levantamento esse que não importa a consummação da execução que continua suspensa, apezar delle, toda vez que (como se deverá observar no caso presente) o juiz da execução não assignar a carta de arrematação, e nem julgar finda a mesma execução, antes da definitiva decisão dos embargos oppostos; ficando assim perfeitamente conciliados entre si os arts. 556 e 577 e 578 e desvanecida assim a antinomia alludida pelo aggravante.

Dou provimento, porem, ao agravo, quanto á exigencia de nova fiança (cuja falta importaria dano irreparavel) que bem sustenta o aggravante ser

necessaria, porquanto, se a do artigo 259 é destinada a resguardar o direito do réo afinal vencedor no pleito, a do art. 556 só pode ter por fundamento a necessidade de garantir o direito do arrematante, que vindo a juízo com o seu dinheiro a effectuar uma compra publica e solemne, sob a fé das formalidades judiciais, deve contar com a devida restituição ou resarcimento, sempre que, mediante embargos ou appellação, vier afinal a ser annullada ou desfeita a arrematação, e principalmente, quando, como no caso presente, as allegações do embargante affectão immediatamente o processo da mesma execução e arrematação, cuja annullação afinal pronunciada importaria, para o arrematante, o desembolso do seu dinheiro e a privação dos bens arrematados, podendo então acontecer, que desista elle de nova arrematação; consideração esta que ajuda a convencer, que a fiança do art. 259, como tendo diversa razão de ser, não dispensa a do art. 556, isto é, a garantia do arrematante, entidade que desaparece na hypothese do art. 277, que constitue a unica excepção notada entre parentheses no dito art. 556, justificando essa excepção a circumstancia de ser então o que vai levantar o exequente, não o producto de alguma arrematação e sim o dinheiro que o proprio réo tem depositado. E nem se diga que ao executado não é licito propugnar pelo direito do arrematante; porque o principio de não se poder allegar direito de terceiro—limita-se, quando esse direito exclue ou prejudica o que pretende a parte contraria—Correia Telles, Doutrina das acções, nota 128; e não ha duvida de que, no caso presente, o direito do exequente de levantar o producto da execução, se não está rigorosamente excluido, achase limitado ou dependente de uma condição, da lei (que o exclue não sendo preenchida a condição) qual a prestação da fiança, exigida pelo art. 556, o qual, em todo o caso, deve regular a acção judicial, neste ponto, ainda quando por nenhuma das partes fosse reclamada a sua observancia.

Em conclusão, pois, mando desgão os autos ao juízo *á quo*, para nelle proceder-se de conformidade com a presente decisão, pagas as custas pelo aggravante e aggravado de permeio—Lavras 28 de julho de 1866.—*Luz José de Medeiros.*

TRANSCRIÇÃO.

As flores.

REFLEXÕES MORAES.

DOANDO aos homens as riquezas que a terra produz, Deus perpetuou a sua dádiva por todos os seculos e gerações, mediante a attribuição que deu ás flores de renovarem de anno para anno as plantas, cujos germens fecundam. Porem se o destino das flores fosse unicamente fornecer o germen reproductivo, não haveria a multidão dellas que observamos, com tão engraçadas formas e tão esplendidas côres, que parece não terem outro prestimo senão o de comporem um ramalhete: e repare-se quão pouco brilhantes são, examinados uma por uma, as que precedem os pomos nas arvores fructíferas, os grãos cereaes nas gramineas, e em geral todas as dos vegetaes mais necessarios e uteis para o homem! Observe-se como os animaes brutos olham para as flores com indifferença, confundindo-as com a herba commum, e calcando aos pés as mais lindas; ao passo que o homem, em meio dos innumeraveis objectos que o rodeam, as distingue e

busca com prazer e desvelo. Não destinou a Providencia tão formoso ornamento da terra para fins puramente physicos e materiaes; enriqueceu com estas joias a habitação do ente que á sua imagem e semelhança creára, para lhe facilitar um gozo innocente, e ao mesmo tempo pôr-lhe diante dos olhos um espectáculo, que lhe lembrasse a omnipotencia do Creador. Desfructuamos com effeito a vista e o perfume das flores, e estes mimosos objectos devem elevar a nossa alma á contemplação dos attributos da divindade.

Por toda a parte nascem as flores, na copa das arvores, e na herba rasteira; aformoseam valles e montanhas, esmaltam prados; e as colhemos pelas orlas e na densidão das florestas, e até nas charnecas e descampados. Esta multidão é precisa, porque muitos são os accidentes a que são expostas: se, por exemplo, não brotassem em tanta copia nas arvores que produzem os fructos, sem elles ficaríamos as mais das vezes: e onde achariam as abelhas o mel, que tão agradável e proveitoso é, se a Providencia não tivesse multiplicado os depositos, de que ellas o sabem extrahir?—Admiravel é ainda mais a variedade das flores; só o Poder infinito e a providente Sabedoria divina podiam crear tão prodigiosa diversidade de objectos que entre si mantem muitas e estreitas analogias e semelhanças: se todas ellas fossem perfeitamente parecidas na organização, na forma externa, tamanhos e enfeites, cansaria uma tal uniformidade os nossos sentidos, e geraria aborrecimento; se no verão desabrochassem as mesmas que ostenta a primavera, nem as admirariamos, nem lhes prestaríamos o esmero da cultura: portanto essa aprazivel diversidade é tambem effeito da suprema Bondade.

Si na distribuição do colorido se notam differenças sem conto, não menos se observam na figura: vêde umas erguidas e que ao sopro benigno dos ventos se balouçam com senhoril gravidade, e outras humildes, timidas, que não ousam erguer cabeça acima da planta mãe que lhes dá o ser, e que nem por isso escapam á vista indagadora, adquirindo louvores pela miudeza e regularidade de suas feições. Que elegancia e symetria não ha naquelles pés pyramidaes revestidos d'agucenas! Quando á beira d'um regato, crescendo em meio d'hervas, o lirio branco alardea a sua candura, direito sobre a hastea que o nutre, retratando-se a sua effigie no cristalino das aguas, quem não admira nesta flor o rei dos vales! E seu irmão, o lirio roxo, trajando as penitentes côres da quaresma, se está offerecendo nos cômodos e vallados, convidando as mãos curiosas a colhe-lo, para ir adornar os altares no tempo em que a Igreja lembra aos fieis os seus mais solemnes mysterios. Mas ponhâmos ao pé desta flor magestosa o modesto amor-perfeito; que promette elle de longe?... Sem o pesquisar no seu asylo, quem avaliaria o mimoso veludo de que se veste?... Uma observação nos sobrevem agora ao pensamento:—as flores, que nos jardins se reputam hoje vulgares, são talvez as mais bonitas, as mais dignas de admiração e apreço. Usual é que o mundo desestime o que não tem o sabor da novidade e o preço imposto a uma difficil aquisição.

Flores ha que brilham pela vivez e combinação de côres mui distinctas, outras agradam pela singeleza e brandura do colorido: umas embalsamam o ar com fragrancias, outras tão somente recreiam os olhos: algumas possuem todos estes encantos. Quanto é bella a rainha das flores, quando desabrocha cercada de verdura propria sobre o ramo espinhoso, que sahe da fenda de um rochedo humido, quando a viração a embala sem a desfolhar e a aurora a rociou de suas lagrimas; esplendor e per-

fumes lhe accrescentam a gentileza ! As vezes a mosca cauthárida pouza n'uma de suas pétalas ou folhas, fazendo o verde-esmeralda do insecto realçar o carmin da flor. Parece que nos diz então a rosa, symbolo do prazer pelos seus attractivos e por sua curta duração, que o perigo de continuo anda com ella, assim como é fatal companheiro do prazer; que se a prudente precaução lh'o não affastar, tardio será o arrependimento, destruidos os elementos da vida.

Entremos agora n'um jardim; consideremos no que seria sem os desvelos da cultura: em vez de talhões viçosos e florentes só veríamos campo bravo, por onde bracejariam caças e cresceriam abro-lhos. Será assim a mocidade, quando se descuidarem de a cultivar por meio de opportuna e proveitosa educação; se a infancia for em tempo conveniente submettida a uma sabia disciplina, será flor amavel que logo no principio agradará a todos, e que para o futuro dará bem sazonados fructos, uteis á sociedade commun.

Vêde a violeta nocturna, ou juliana singela, que ao anoitecer aromatisa o ar, sobrepujando a todos os perfumes vegetaes; privada de belleza, mal parece uma flor, custando a distingui-la da folhagem; semelha o homem destituido de graças physicas, que a natureza indemnizou desta falta com dotes mais solidos, as excellentes qualidades do coração. Em silencio e na obscuridade o justo pratica o bem; e ao redor de si diffunde, ainda que em limitado ambito, a jocunda fragancia de suas boas obras: e quem deseja conhecer essa alma bemfazeja, acha muitas vezes que ella mora n'um corpo d'exterior humilde e que não pertence na sociedade a jerarchia ou condicção distincta. Entre as flores é a tulipa uma das que todos admiram pela fôrma e elegancia: na variedade e briho das côres, na combinação da luz e das sombras, não ha estorios por mais finos e preciosos que sejam, que com ella rivalisem: e com tudo florescem todos os annos milhões de tulipas, que todas differem umas das outras, e cujas proporções e bellezas variam infinitamente. Seria possível que uma obra tão prima fosse mera produção do cego acaso, sem intervenção de uma causa intelligente?—Verdade é que ao presente se perpetuam as tulipas pelos bulbos ou cebolas; mas donde veio a primeira fabrica de obra tão acabada e a sua primitiva disposicão, de que apenas são desenvolvimentos as combinações posteriores?—Não era preciso tanto, ou ainda mais, poder e intelligencia para crear uma tulipa, de que hão de nascer dez, como para crear as dez logo a um tempo?—Por isso o exame das formosuras da natureza nos encaminha á contemplação da Sabedoria incomprehen-cível, que tão pasmosos objectos delineou com sublimada perfeição.

O cravo, tão frequente nos vasos e canteiros dos jardins, que em todos os tempos tem merecido o ser tratado pelas mãos delicadas e cuidadosas do sexo amavel, é das flores mais interessantes, reunindo á sua beldade um cheiro mui suave: no colorido disputa a primazia á tulipa, mas vence-a na multidão das folhas: pequeno numero de cravos perfumam o ar. Aqui temos pois um expressivo emblema de uma pessoa que reúne o talento á individual formosura, e que attrahe o amor e respeito dos seus semelhantes.

A rosa, que nos campos de Flora obteve o sceptro, distingue-se pela fôrma graciosa, pela distribuição e abundancia das folhas, pela symetria pela harmonia do todo da flor; os aromas, as côres lhe dão realce: mas ah! quanto é transitoria e fragil entre as suas companheiras; cedo perde os attractivos que a glorificam! De tão linda obra da crea-

ção em breve só ficará uma pequenina haste arida e talvez morta: duraram um instante a sua vida e gentileza: as folhas desfalecem, as côres amortece-m, e a flor, que ainda ha pouco era comparada á virgem graciosa no vigo da mocidade, jaz convertida, como á donzella acontecerá um dia, em espectro do que foi, em esqueleto disforme.—Lougãa e fogosa juventude, considerai nas flores a imagem do destino que vos aguarda: pareceis-vos com ellas na formosura, com ellas vos pareceis na brevidade da duração. Quão prestes se delinham as violetas e os jacinthos, quando o despiedado bóreas com rijos sopros lhes agouta as hastes e as mimosas corollas! Pensai, mancebos, na sorte que vos ameaça, não vos jacteis dos dotes corporeos, não vos entregueis a tresloucadas alegrias, a prazeres buligosos e prejudiciaes: e vós, sexo delicado, que as seductoras gragas adornam, que os regozijos e passatempos circumdam, que com a presença risonha amenisais o sitio mais melancolico, não confieis em passageiros attractivos, que pelo mais leve e imprevisto acaso se perdem, não vos ensoberbegais com a frescura da juvenil idade: vêde quanto duram as lindas rosas! Como se dissipou a fragancia tão grata, que exhalavam! Como a bonina dos prados desabrocha do tenro calice, que a encerrava, abristes os olhos á clara luz do dia; mas sopra o vento furioso, ella desaparece; sumir-se-ha como a della a vossa beldade; e apenas haverá confusa e transitoria lembrança do lugar onde brilhastes.—Tal é a felicidade deste mundo! Não ha bens constantes, senão a sabedoria e a virtude, que são o manancial inexaurivel de consolações, e o penhor da sempiterna ventura.

Poderemos agora formar idéa cabal e exacta das flores. Se meditarmos o que deixámos exposto, não as teremos por umas produções do acaso, semeadas avulsamente e sem designio pela terra: acharemos que alem das funcções essenciaes da vegetação, são destinadas para regozijo do olfacto e da vista: outras muitas utilidades nos provem dellas, porque nos ministram saborosas pastilhas, deliciosas essencias de cheiro, e sobre tudo cópia de remedios, que mitigam as enfermidades.—Em conclusão, ninguém poderá ser athên, se attentamente examinar uma flor; quem vestiu com tantas galas as florinhas campestres, senão o Poder Omnipotente? Como poderia o cego e informe montão de átomos insensíveis formar obras tao regularmente organisadas, sem a intervenção de uma forga intellectual e espirital, e superior á intelligencia humana, porque esta sim pôde dirigir a cultura e promover o crescimento das plantas, mas nunca poderá crear um germen novo, que produza uma tribu de plantas novas? Claro está que só a vontade suprema de Deos e a sua sabedoria infinita podiam crear o universo, e que estes excelsos attributos se revelam na mais pequenina parte de toda a vasta creação.—Daqui se deduz tambem que o estudo da natureza, alem de ser grandemente proveitoso pelas utilidades que facilita no commercio da vida humana, é moral em summo grau: duplicada razão esta para que o frequentem os homens, que desejam exercitar vantajosamente as nobres faculdades da sua alma.

A caridade.

Um dos sentimentos mais nobres do coração, uma das mais elevadas virtudes é a caridade; nato com o homem foi manifestado com a propagação da especie, e Christo requinton o seo geral desenvolvi-

Ao christianismo devem as nações e as classes pobres esse misericordioso auxilio para seus padecimentos=a fundação dos hospitaes.

A caridade é a luz que, brilhando no coração, illumina o pensamento no caminho da salvagão; é um aroma que indenticado com o espirito, exhalando-se, purifica, é a escada mais acertada que conduz ao reino da gloria.

Depois do christianismo, verdadeiro facho civilizador, os exemplos de caridade tem sido quasi geral, e ainda mesmo no desvario da anarchia elles se pateriam pomposos.

Quando a guerra devastava os campos da Polonia, mas de quatrocentas senhoras se dedicaram ao serviço dos doentes e feridos, levando por sua bondade altos beneficios ás proprias fileiras inimigas.

No apparecimento do cholera-morbus em Franga a caridade teve o mais brilhante triumpho, toda a população não soffredora, se empenhava na magna obra da salvagão de vidas, e da indigencia. Os palacios onde a muzica ha pouco enchia os salões de estrepitosos sons, os perfumes das flores, dos vinhos, dos manjares resendiam, a danga punha em movimento innumeros convivas, habitagões do luxo e da vaidade, se methamorphosaram em verdadeiras fabricas manufactureiras do necessario e util para abastecer a indigencia que morria a mingua. Os ruidosos sons dos instrumentos se trocaram em angelicos e piedosos canticos a Deos, os perfumes das flores, dos vinhos, dos manjares, pelos aromas divinos nos oratorios, o movimento era em favor dos pobres afflictos.

A caridade, diz um escriptor, nunca foi tão estimada e exercida. Todos queriam ser caridosos, todos desejavam dar uma demonstração de que não eram insensiveis ao olharem a face do colerico, nem ao ouvirem pranteiar os mortos. Enxugar as lagrimas, alliviar as dores, prevenir a miseria, roubar victimas á morte era o pensamento de todos; e só os avaros a quem a dor não compunge, nem a morte amedronta aferrolharam seos cofres, e negaram seos bragos ao bem dos desvalidos. A propria rainha, segundo se exprime o escriptor, não foi uma fabula vel-a trabalhar em vestidos para os necessitados, e deixar o throno para assentar-se ao lado do enfermo; e muitas senhoras da alta nobresa visitarem os hospitaes espalhando por todos os doentes beneficios ao corpo e consolagões á alma. Em nossa terra (*) quando reinou a febre amarella, se não se deram exemplos de publica demonstração de caridade, o que attribuímos ao acanhamento da educação das senhoras, não foram raras as que acolheram em suas casas pessoas atacadas do mal, e lhes prodigalisaram todos os soccorros que o estado exigia.

Nem uma scena é mais pathetica do que a da pratica da caridade, nem uma accão é mais meritoria do que a do cumprimento dessa obra de misericordia que procura salvar a vida e a alma.

Aquelles que praticam obras de caridade constroem elegante morada junto a Deos.

A infancia educada na ignorancia desses principios, será surda e cega ás supplicas e ás lagrimas do pobre.

E poderá ser feliz quem nunca fez uma obra de caridade? quem vê seo semelhante morrer de fome e não lhe dá de comer, nu e não o veste, doente e não o cura, afflicto e não o consola? Não, porque não segue o preceito da lei de Deos;

A hypocrisia.

Exprimir amor sem o sentir, mostrar honra, modestia e humildade sem as ter, indicar caridade e philanthropia sem as praticar, é ao que se chama hypocrisia.

A hypocrisia é filha da má educação, é um acto astucioso do espirito pervertido para occultar a sua desmoralisação; manifestada pelos maus, não pôde ser boa á sociedade.

Sempre que o homem é hypocrita, attrae a si as zombarias dos estultos, e o desprezo das classes honestas, e de esclarecida intelligencia.

O homem hypocrita, procura disfarçar com o véo da virtude os vicios, e os crimes de que está corrompido, para obter da sociedade em que vive gragas, e passar impune; armado sempre de mascara amoldada a todos os sentimentos depravados, sem pejo a emprega quando os quer fazer parecer virtudes. Elle a toma para sacrificar a sua victima escolhida a seos maus intentos.

Junto á pobreza, se terá encontrado o hypocrita remediando-a, para depois arrancar-lhe pesadas indemuissagões, consolando a viuva ainda lacrimosa pela irreparavel perda do esposo, para lhe encravar o punhal da deshonestidade, lisongeando a inexperta donzella, para arremessal-a á deshonra, presentando a esposa para prostal-a na ignominia, servindo aos pais para roubar-lhes a flor do seo coração, a vida de sua vida, a alma de sua alma=a filha, para devoral-a, e entregal-a ás negras angustias e á infamia.

Ao egoista se terá mais de uma vez encontrado elogiando com amisaquelle que pretende arruinar, fanatico pela religião para aniquilar-lhe os templos, louco por este ou por aquelle systema de governo para desmoralisal-o, o mais humilde observador da ordem para plantar a anarchia, sectario do despotismo para derribal-o, idolatra da liberdade para manchal-a de sangue. E do que não será capaz o homem hypocrita, quando vendo o mal persuade estar vendo o bem, quando sente dor se sorri, quando sente desasossegado demonstra a paz, quando está com o demonio representa estar com Deos?

O hypocrita é um homem perigoso á vida domestica e social, porque affastando-a do merito, lhe causa implacaveis desgragas.

A clemencia.

Entre os sentimentos do coração do homem um dos que mais o distingue, eleva-o, e lhe dá magnanimidade é a clemencia. Manifesta-se em todas as idades, e na mais tenra infancia vê-se a criança affogar o câcsinho que a morde atropellado pelos seos brincos.

A clemencia imprime no semblante do homem um aspecto bello e ao mesmo tempo magestoso; attrae a si as sympathias, os louvores e a dedicação de todos quantos o vêem e lhe fallam. A clemencia dos reis faz que os povos o venerem, a clemencia dos ministros conquista em seo apóio innumeros votos, a clemencia do sacerdote converte os impios, a clemencia do guerreiro ata ao seo os corações dos inimigos, a clemencia dos mestres infunde grande copia de instrucção e de moralidade aos discipulos, a clemencia dos pais vigora o respeito dos filhos, a clemencia do esposo requinta o amor da esposa, a clemencia da esposa augmenta a dedicação do consorte, a clemencia do irmão anima a amisade do irmão, a clemencia do amigo ateia a felicidade do

(*) Pernambuco.

amigo, a clemencia do homem purifica a fraternidade do homem.

A inclemencia cria inimigos muitas vezes dos mais intimos amigos, planta a deslealdade, e desamor nos povos, apaga todos os sentimentos nobres do coração do homem, aniquila a civilisação, e conduz a sociedade ao barbarismo.

Quantas vezes o perdão não tem methamorphoseado o réo em um homem honesto e util á sociedade, e a inclemencia perdido o innocente e o justo?

O perdão sempre illustra a quem o dá, e humilha a quem o recebe; a inclemencia avilta o que a pratica, e honra aquelle que a soffre, porque é demasiada ferocidade negar-se o perdão a quem arrependido o pede. Deos perdoo ao incredulo, ao impio, ao libertino que, arrependido, reverente se prosta ante sua imagem e invoca sua misericordia, e espalha sua graca áquelles que o imitam. Santo Agostinho duvidava da Santissima Trindade, porém arrependendo-se é aceito no céu. Xisto V sendo clemente para com aquelles que com a intenção de o ridiculisarem lhe apresentaram sua pobre irmã em trages de princeza, os envergonha, lhes corta os impetos á desobediencia, e infunde-lhes santo respeito para comsigo. Nicolau abolindo a pena de morte ganha a mais solida obediencia de seus subditos, e disfarça o seu excessivo orgulho para com muitos dos que o criam o maior despota do seu seculo.

E' desde a infancia que tão sublime sentimento deve ser alimentado no coração do homem, para que chegada a idade adulta não desconhega o prazer que sente aquelle que perdoo, e os martirios que soffre quem podendo perdoar o não faz. Inclemente para com os Israelitas Pharaó os vio desaparecer, e mandando-os castigar em vez de lhes perdoar se libertarem, perde numeroso exercito na passagem do mar vermelho. Athenas inclemente para com Socrates lhe dá a beber cicuta, e sacrifica o maior philosopho do seu tempo, a sua maior gloria, o seu mais fulgurante ornamento. Horsmidas por suas crueldades e inclemencias era o horror dos Persas devendo como seu rei ser o seu anjo do bem.

Oh! sede clementes, porque a clemencia é a imitação da bondade de Deos.

A clemencia é um doce prazer que causa a mais agradável satisfação ao espirito, e nem um homem quer rei, quer do povo, é tão sublime como quando perdoo. Que acto ha de tanta magnitude para o homem, que desatar com suas proprias mãos os ferros do seu inimigo? E' um quadro que enche de admiração o mundo, curva os espiritos soberbos, eleva a humildade e toca de tal sorte o coração de ambos, que estreitados os peitos um contra outro, vê-se os olhos verterem abundantes lagrimas de reconciliação.

A clemencia é um perfume que exhalado de um coração toca a todos os mais, um raio luminoso que esclarece todas as intelligencias, um amplexo dado em um homem e envolve todos os homens do universo.

Sede clementes e servi de exemplo a vossos filhos que elles serão as flores mais mimosas e queridas do jardim da sociedade.

LITTERATURA.

No album de uma senhora.

Enviaste-me hoje o teu *album*, donzella, pedindo-me um canto.

Crês-me poeta? que engano!... mas porque te ris? alguém já te disse que eu fiz versos e que in-

da fago?... confessas que=sim? e eu a julgar-te ignorante deste mysterio, e eu a considerar-te insciente delle, quando já tudo sabias!... Visto possuires um segredo, que não é mais segredo, quero ser franco para contigo, e vou contar-te uma historia, mas, cuidado! não digas nada a teu pai que elle é velho, e os velhos não gostam de amores, e a minha historia

Tem lyrios,
Tem rosas,
Formosas,
Singelas,
Tão bellas!...
Perfumes,
Cinnes,
Queixumes..
Poesia,
Harmonia...
Tem cantos,
Tem prantos,
Tem flores,
Não calam,
Mas fallam
De amores!

Ouve pois:

Um dia (não me perguntes quando, que eu não te digo...) passeava por uma campina extensa, tão extensa que os olhos fatigavam-se de percorrer-lhe a longitude, e eu passeava distraído, abstracto, saboreando contente gostosas fumagas do meo inseparavel charuto=unico amigo que tenho neste mundo!...

Já a scismar em tanta cousa, ou antes em nada scismava, quando estranha appareição=julguei-a o genio benefico daquelles prados!—se me depara sentada mollemente á sombra de formoso arbusto.

Fixei-a de longe com supersticioso respeito, e, temendo avangar dispunha-me a volver atraz o passo, quando *ella* me fez signal de approximar. Caminhei, hesitando... mas enfim pude chegar sempre á bella homadryada, bella sim, bella como os anjos!...Tinha nos olhos, grandes e rasgados, o brilho suave da lua de um céu de agosto, misturado com esse fulgor do diamante negro, que se lhe transverberava tambem nas trancas d'ebano, caidas ao dorso. Tinha nas faces o peregrino da Venus christã, e nos labios o feitigo das gracas! Fugira-me a voz de extactico e assombrado!—Dir-me-hiam marmore na immobibilidade!...E o meo pobre charuto sem o chupo vivificante apagou-se!...

Ella rio-se para mim, e eu curvei a fronte de acanhado. Depois de um silencio de meia hora talvez, retirava-me eu ainda em silencio, quando *ella* perguntou-me com uma voz doce, doce, doce como o favo do *orucú*:

=Já se vae?... tão cedo!...

Volvi o rosto, e encarei-a surpreso. *Ella* rio-se de novo, e o seu sorriso agora tinha um=que=de innocentemente maligno, e ingenuamente provocador. Eu permanecia calado. Devia suppor-me ou mudo, ou idiota, ou ambas as cousas ao mesmo tempo. Que vergonha!...

Porfim *ella* compadececo-se do meo enleio, e estendendo-me a mão, que hesitei apertar a principio, temendo marear-lhe a alvura, e offender-lhe a delgadez ao contacto da minha, disse com estranha e melliflua ternura:

=Até amanhã: espero não faltará á mesma hora, e neste mesmo lugar.

Deixei cair a cabeça em signal de assentimento, e parti... não, menti agora, a minha alma ficou toda inteira ahi, o que se apartava era um corpo vasio!... Todas as tardes áquella hora certa nós nos en-

contravamos. De parte a parte havia escrupulosa pontualidade. Passamos, depois, da cerimonia á familiaridade, e os labios declararam então em palavras de fogo aquillo mesmo que os olhos tinham já dito mil vezes em eloquentissimas evoluções.

Amamo-nos com esse amor primeiro=crystalino orvalho do céu a tombar na terra em madrugada de estio!

O Numen formoso da poesia bafejou então a frente do mancebo apaixonado, e elle poudé arrancar de sua lyra d'ouro sons de magica harmonia, cantando as prendas da mulher que o fascinára!..

Elle cantava, porque tinha no craneo inspirações divinas, no peito esperanza, nos labios amor!..

E era um martyrio esse amor!...

Elle tinha ciúmes da brisa traquinas, que folgava com as suas tranças; tinha ciúmes do zephyro que, enamorado, osculava, passando os seos labios de rubi; e elle tinha ciúmes do favonio gracil, que, em ademan de amante, roçava-lhe o seio!..

E eu era mesmo assim tão feliz!.. Gosei tanta ventura nesses deliciosos dias que tao rapidos se foram!.. ah! dias, quaes esses, são dias que resumem seculos!..

A sorte, de invejosa ou cruel, partio em breve o aureo estambre que nos prendia a ambos em fortissimos nós. Fui obrigado a deixar a terra encantadora, em que um anjo me fez crer na felicidade, que eu reputava chimera, na sua existencia real e macios enlevos.

No momento solemne de partir juramos ambos constancia eterna um ao outro, alem, muito alem da morte!..

Hoje vivo só e isolado. O meo viver é o do proscripto. A lyra canóra pendurei-a, e muitas das suas cordas estaláram, e algumas que restam, vibradas, derramam apenas doridos, plangentes queixumes!..

Findou-se a minha historia.

E eu que desejava, donzella, tecer-te hoje um hymno festivo!.. não posso, bem vês. . . . Apenas te digo:

=Sê virtuosa, prudente e discreta. Ama de todo o coração primeiro a Deos, os authores da tua existencia depois, as irmãs em terceiro lugar. Não desprezes o pobre, não te rias do mendigo, e na mão que elle estende, depõe a esmola, singela embora. Venera a santa religião do Crucificado, respeita os seos dogmas, e acata os seos Levitas. E o ceo te abençoará.

Eu fallo para ti somente; cuidado! não digas nada a teu pae, que elle é velho, e os velhos não gostam de amores, e a minha historia, bem vês,

Tem lyrios,
Tem rosas,
Formosas,
Singellas,
Tão bellas!..
Perfumes,
Ciúmes,
Queixumes!..
Poesia,
Harmonia...
Tem cantos,
Tem prantos,
Tem flores,
Não calam,
Mas fallam
De=amores!..

Fortaleza, septembro 3 de 1866.

A borbolleta.

Quem foi aquelle mancebo,
Que no baile te sorrio?
Parecias tão alegre,
Quando o brago te pedio!
Que doce olhar lhe langaste,
Que frases balbuciaste
Quando de ti se partio!

E já outro te buscava
Com sorrir tão gracioso!
Conhecias-lo, morena?
Que mancebo tão formoso!
Qual dos dous é teu amante?
Qual dos dous é mais constante?
Qual delles mais venturoso?

Inda te busca terceiro?
Não te deixão descangar!
Das walsas, sylpho ligeiro,
Não te canga o volitar?
Que suspiros tão ardentes,
Que paixões tão vehementes,
Que continuo namorar!

Não temes que elles conhegam
Esse drama, que emprehendes?
Tu não vês que vaes perder-te
Na mesma chama, que accendes?
Volve o passo, morenita,
Nesse furor, que te excita,
Ventura embalde pretendes.

II.

E calou-se a donzella, surda as phrazes
Do leal trovador.
E ainda foi por diante aos cavalheiros
Fingindo sempre amor.

E os mancebos na sala erão sem conto
Que a vinhão cortejar.
E a donzella sorria, e a todos prompta
Ia o brago offertar.

E aljofares das faces lhe corria
Diamantino suor;
Como gotas d'orvalho penduradas
Do calice da flor.

E o peito arfava tremulo de gozos,
Ardente de paixão,
Suspiros doces, languidos olhares,
Em frouxa compressão.

Ouve-se um grito, subito apparece
Da sala em meio
Negro vulto. . . quedarão-se os convivas:
Esse vulto a que veio?

III.

Do baile o rumor findou-se;
Todo o povo retirou-se,
Ficou deserto o salão.
Mas hoje do vulto a historia
Inda guardão na memoria,
Inda lembrão no serão.

Era o amante da donzella.
Que, trahido assim por ella,
No baile a vinha buscar;

Mas dizem, que ella, a formosa,
Ficou sendo mariposa,
Condemnada a sempre amar.

Inconstante como a vaga,
Pelos pomares divaga
Correndo de flor em flor,
Té a chamma a inquieta,
Que as vezes a borboleta
Vae crestar-se em seu ardor.

Será eterno seu fado,
Que assim Deos pune o peccado.
De ser loureira em amor :
Aprende aqui, formosas ;
Fugi de ser mariposas,
Amae somente uma flor.

Acrostico.

Meiga, como a flor singella e pura
Vagucena gentil, ou como a rosa,
Rainha dos vergeis, bella, formosa !..
Imagem da innocencia e da candura,
Dorada donzella, é o teu semblante !
No feiticeiro sorrir, todo bondade,
Nesse sorrir divino e fascinante
Ternura se vê da Divindade !...

SEMANARIO.

=Hoje tem lugar na cathedral a festa de Sossa Senhora das Dores.

Consta-nos que a respectiva Irmandade, composta pela maior parte de senhoras, pretende dar a esta festa o esplendor e decencia, que se notou o anno passado.

=Foi nomeado official-maior da secretaria do governo o bacharel Paulino Nogueira Borges da Fonseca.

O nomeado, que era promotor publico da comarca do Saboeiro, é intelligente e honesto ; e por isso nada teriamos que dizer desse acto do Sr. presidente da provincia, si elle não acarretasse a preterição do Dr. Joaquim Mendes da Cruz Guimarães, que já no exercicio do cargo de chefe de sessão, já nos de secretario e official-maior, que exerceu interinamente por muitas vezes, tem dado exuberantes provas de zelo e pontualidade no cumprimento de seus deveres.

Foi, pois, uma injustiça, sentimos dizê-lo, praticada para com um optimo empregado, que mereceu a confiança dos antecessores de S. Exc., como supomos ter merecido actualmente.

=O *Pedro II* dá noticia de que o Sr. Tristão de tal prendeu um dos sentenciados que evadiram-se (não da cadeia, como diz) do poder dos guardas que o conduzião.

Mas o que é certo é que, propalando-se a nomeação desse Sr. Tristão para o cargo de subdelegado de Mecejana, o referido sentenciado procurou-o, sob promessas, para entregar-se á prisão.

Não houve, pois, diligencia alguma que recomende o ex-subdelegado demittido a bem do serviço publico.

=A redacção do *Pedro II* gaguejou, quando fallou em herança jacenthe.

Era preciso que fallasse mais claro....

Depois não venhão com cousas... Não se queixem...

Os Mouras, Gongalos, et committante caterva não intimidão a ninguém....

Saibão por uma vez...

=Está posta a concurso com o praso de quatro mezes, a contar do dia 5 do corrente a cadeira de geometria das aulas preparatorias annexas á faculdade de direito do Recife.

=Para os postos vagos do batalhão n.º 32 da guarda nacional do municipio da Barbalha foram nomeados :

Estado-maior.

Tenente-quartel mestre = Sebastião Rodrigues da Gama e Silva.

Alferes porta bandeira = Antonio Felipe Santiago.

Alferes secretario = João Vulpino da Cunha.

1.ª Companhia.

Alferes = José Pinto de Sá Barreto.

= Antonio Figueiras Sampaio.

2.ª Dita.

Alferes = Antonio Pereira da Cunha Callou.

3.ª Dita.

Alferes = Domingos de Figueiredo Arnaut.

= Thomé Pereira de Cazaes.

4.ª Dita.

Capitão = Antonio Pereira Callou de Sá Barreto.

Tenente = Gregorio Pereira Pinto Callou.

Alferes = Alexandre Parente de Sá Barreto.

5.ª Dita.

Alferes = Saturnino Gomes Duarte Junior.

6.ª Dita.

Alferes = José Pereira Filgueira Neto.

= José Joaquim de Jezus.

= Foram demittidos :

Antonio Gonçalves Torres, do cargo de subdelegado de policia do districto de Maria Pereira ;

Miguel de Barros Silva, do de subdelegado do districto d'Amontada ;

Francisco de Salles do Amaral, do de 1.º supplente do subdelegado da Cachoeira ;

João do Pinho Pessoa, do de 1.º supplente do delegado de policia do termo de Villa Vigosa ;

Itricleo Narbal Pamplona, do de delegado do termo do Saboeiro ;

Manoel Antonio de Moraes, do de delegado do termo das Lavras ;

Franklin Barbosa Gondim, do de subdelegado do districto de Umary.

= Foram nomeados :

Delegado de Maria Pereira, o Sr. José de Barros Lima.

Subdelegado, o Sr. Manoel Martins Chaves.

Delegado do Saboeiro, o Sr. Dr. José Gomes Fernandes Vieira Leal.

1.º supplente, Dr. Francisco de Paula Fernandes Vieira.

1.º supplente do delegado de Villa Vigosa, o Sr. tenente-coronel Vicente do Espirito Santo Magalhães.

Subdelegado de S. Pedro de Ibiapina, o Sr. capitão Vitoriano Alves Teixeira.

= Esteve no nosso porto no dia 12 do corrente a

corveta da marinha ingleza *Sharpshooter*, que anda em commissão do respectivo governo.

=No mesmo dia chegou e seguiu para os portos do norte o vapor *Persinunga*, que conduziu a este porto o presidente nomeado para a provincia do Piahy, Dr. Adelino Antonio de Luna Freire.

=O *Pedro II* de 12 do corrente publica um annuncio do Dr. procurador fiscal da thesouraria de fazenda, em que protesta intentar accção para haver os bens do finado Vicente Joaquim Neves.

Si outro, que não o Sr. Dr. Manoel Soares da Silva Bizeira, fosse o proçurador fiscal, não teriamos que admirar essa extravagancia, que tem por fim somente exercer vingança, e servir aos Gongalinhos et comitante caterva.

Andar assim, é que é bom andar.

=Lê-se no *Cearense*:

«Na noite de 3 do corrente encallhou no lugar Redonda, ao sul do Aracaty, o brigue ingtez *Isabella*, de que era capitão Wilham Roveley. Seguiu de Glasgow para Buenos-Ayres com um grande carregamento de mercadorias diversas.

Salvou-se toda tripulação e ha esperanças de salvar toda carga; o casco, porém, perdeu-se totalmente.

Para ali seguiram hontem, por parte d'altandega, o 1. escripturari Joaquim d'Oliveira Catanda, o guarda-mor Victoriano Augusto Borges, official de descarga Paula Barros, vigia José Alexandre de Souza e cabo dos guardas João Ladislau.

Consta-nos que amanhã seguirá para o lugar do naufragio a canhoneira ingleza *Sharpshooter*, que se acha fundeada em n'sso porto, conduzindo o respectivo consul o Sr. J. W. Stuardt.»

=Por portaria de 10 do corrente foi demittido o bacharel Theodoro Carlos de Faria Scuto, do cargo de collecter das rendas provinciaes do termo da capital.

=Foi igualmente demittido o Sr. Hippolito Cassiano Rodrigues do cargo de subdelegado de policia do districto de Mecejana.

Surprende-nos esta demissão, não só por não ter o Sr. Rodrigues praticado acto algum que o desabonasse, como porque, não ha muito tempo o ex-chefe de policia, Dr. Buarque, n'um officio dirigido a S. Exc., o Sr. presidente da provincia, tecu acerca delle os maiores elogios; e ultimamente o Sr. Jorge dos Santos, actual chefe de policia interino, em um officio ao mesmo subdelegado, por occasião de uma diligencia importante por elle feita, deu-lhe iguaes elogios.

Si realisar-se a nomeação, que se propala, de um individuo, demittido d'aquelle cargo pelo Sr. Lafayette, a bem do serviço publico, teremos de ver boas cousas no referido districto.

MISCELLANEA.

Um marido que experimentava frequentemente o máo genio de sua mulher, só lhe oppunha o silencio e a moderação. Um amigo o motejava a este respeito, dizendo-lhe que elle tinha medo da mulher. «Enganai-vos, lhe respondeu o marido, não he a ella que eu temo, mas sim o escandalo e o incommodo á vizinhangá.

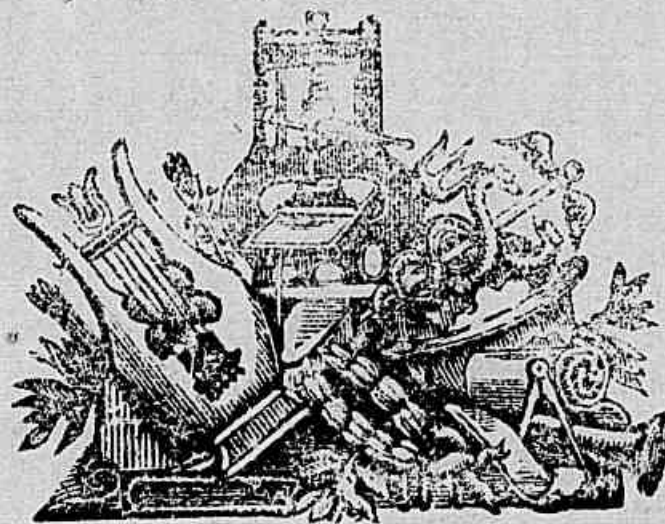
O advogado Sampaio, homem muito jocoso que houve em Lisboa, recolhendo-se humá noite muito tarde para sua casa, foi assaltado pelos ladrões, que lhe roubáram o dinheiro, relógio, e tudo que tinha algum valor, deixando-lhe por acaso a bengala que trazia na mão. Já os ladrões se vão reti-

rando, quando elle os chamou. Voltáram perguntando-lhe o que queria. «Quero, lhes respondeo o letrado, que levem também esta bengala, por duas razões; a primeira porque tem castão de ouro, que sempre vale alguns tostões; e a segunda, para com ella me zurzirem, se me tornarem a encontrar a estas horas da noite só pelas ruas.»

Perguntando-se a este mesmo letrado a razão porque no inverno se vião os homens com as botas todas enlameadas, e as mulheres sem um salpico de lama nas meias, respondeu: «He porque os homens trazem os cuidados na cabeça, e as mulheres nos pés.»

Meio de tornar capaz de se comer o peixe que começa a corromper-se. = Durante o tempo dos calores acontece que o peixe começa a corromper-se de manhã para a noite. Neste caso para lhe tirar o cheiro e gosto que tem contrahido, deve-se ferver em uma grande quantidade d'agua, na qual se mistura humá quarta parte de vinagre, sal, e uma porção de pó de carvão muito bem atado em um pedaço de panno de linho. Esta receita serve também para a carne no mesmo estado.

ANNUNCIO.



TYPOGRAPHIA

DA

AURORA CEARENSE.

31. Praça Municipal. 31.

Nesta typographia vende-se por preços mais commodos do que em ou ro qualquer o seguinte:

LETRAS	1 U000
DESPACHOS	2 U500
PROCURAÇÕES	2 U500
CONHECIMENTOS	1 U500

Imprime-se toda e qualquer obra com nitidez e promptidão, também por preços muito commodos.